

Ligação Universidade-Indústria, versão 2004

Sebastião Feyo de Azevedo*

Um desafio este, o de falar sobre a ligação Universidade-Indústria em cerca de 500 palavras. Terei que ser telegráfico, limitado que é o espaço para o tanto que há a dizer.

Eis então três grupos de tópicos para reflexão que fecho com um desafio aos parceiros.

Primeiro: referências e rumo

Portugal é um país Europeu. É certo que com indeléveis laços a África, à Ásia e às Américas, mas com as suas referências de desenvolvimento a terem que ser, necessariamente, as da Europa em que vive, coopera e compete.

A cooperação Universidade-Indústria é o caminho do futuro, sem alternativa, para a nossa valorização competitiva em métodos, em rigor, em organização, em inovação e assim em produtividade das nossas empresas e das nossas Escolas. O valor acrescentado da cooperação é imenso, o interesse é nacional.

Segundo: optimismo *ma non troppo*

Temos motivos para acreditar em parcerias:

- As Escolas estão apetrechadas em meios humanos e materiais para intervir e têm perspectiva de missão;
- Os exemplos de parcerias bem sucedidas, embora escassos, não deixam dúvida sobre essa capacidade de intervenção.

Moderemos o optimismo. A ‘teoria do discurso’ dos parceiros está em bastantes casos distante da sua ‘prática dos actos’. Há muito a fazer, como seja:

- A nível legislativo, tanto na reforma da gestão e da carreira universitária, como na criação de incentivos à cooperação;
- A nível universitário, no que temos a progredir em organização temporal e rigor analítico;
- A nível das empresas, no *acreditar* da real relevância da actualização dos seus quadros, da modernização da organização e do investimento em inovação competitiva;
- A nível da Associação Profissional, nas iniciativas de promoção do papel das parcerias de engenharia no desenvolvimento e na promoção e acreditação da qualificação profissional.

* Professor catedrático da FEUP, Director do Departamento e Director do Curso de Engenharia Química, Director do Instituto de Sistemas e Robótica; Membro Conselheiro da Ordem dos Engenheiros, Membro do Conselho de Admissão e Qualificação da Ordem dos Engenheiros

Correio-E sfeyo@fe.up.pt Página pessoal: <http://www.fe.up.pt/~sfeyo>

Terceiro: acções concretas

Sejam a formação e a inovação e desenvolvimento:

- Universidade, empresas e associações profissionais deverão cooperar na definição de perfis acreditados de formação pré-graduada e ao longo da vida;
- Universidade e empresas devem desenvolver parcerias, nacionais e internacionais, em projectos com inequívoco valor técnico-científico, com real envolvimento das empresas. As bolsas recentemente anunciadas para doutoramentos na indústria representam uma excelente oportunidade para incrementar esta política de cooperação.

Vale a pena um comentário sobre o que a Universidade não deve fazer:

- Não deve envolver-se directamente no quotidiano da prática industrial.
- Não deve providenciar serviços que sejam concorrência desleal a empresas estabelecidas com competências para os mesmos.

Epílogo - desafio aos parceiros

Termino com um exercício de diferenciação.

Em termos gerais as nossas Escolas de Engenharia estão aptas e disponíveis para um incremento significativo da sua relação com os parceiros, particularmente com a Indústria.

É claro que só nesse esforço concertado de governo e agências governamentais, empresas, instituições e associações profissionais poderá Portugal atingir os níveis de desenvolvimento que estão ao seu alcance.

O ónus da formação graduada naturalmente que recai principalmente nas Escolas de Engenharia. Mas, relativamente à limitada actividade de parcerias em inovação, que factualmente se constata, aí os parceiros que assumam a sua responsabilidade para com o futuro.